Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte Fundação Banco do Brasil
Data Maio/2002 Pg
Class. PIX 353

353

CONHEÇA A FUNDAÇÃO
ATUAÇÃO
MERCADO SOCIAL

FÓRUM
Sessão Unicef sobre a criança

ENQUETE
O que é mais importante no combate a dengue no Brasil?
- As pessoas evitarem água parada em suas casas
- O governo contratar mais agentes de saúde
- Ter um número maior de carros fumacês
- As campanhas de conscientização
- O investimento na área da saúde

Votar | Resultado

BOLETIM
Cadastre-se e receba via e-mail o nosso boletim

Repórter Social
Reportagens

>> Educação

REPORTAGEM
Educação indígena ganha espaço e é comemorada
Tatiana Wittmann

Apesar de todos os problemas que enfrentam no dia-a-dia, pelo menos um motivo os índios brasileiros têm para comemorar: a expansão da educação indígena. O Brasil abriga atualmente cerca de 350 mil índios contra os três milhões que viviam no país quando os europeus aqui chegaram em 1500. De população nativa, tornaram-se minoria. A maior parte dessa população distribui-se por milhares de aldeias, situadas no interior de 586 Terras Indígenas, de norte a sul do território nacional. São pessoas que nos últimos anos, através da educação, estão preservando sua língua, aprendendo seus direitos, tomando a frente da administração de suas escolas e aldeias, e aprendendo a ser cidadãos.

O Instituto Sócio Ambiental (ISA) trata as questões indígenas como uma de suas prioridades. O Programa Parque Indígena do Xingu, desenvolvido pelo ISA, é dividido em quatro frentes, entra as quais está a Formação de Professores Indígenas. "Este trabalho começou a ser desenvolvido em 1994 e tem autorização do Conselho Estadual de Mato Grosso para ser realizado até 2003", conta a coordenadora do projeto Maria Cristina Troncarelli. "Consultores de universidades e organizações não-governamentais vão, duas vezes ao ano, lecionar no Parque. Entre uma etapa e outra o Instituto faz um acompanhamento das aulas dadas pelos professores índios. Assim, temos subsídios para preparar as próximas aulas que vamos dar para eles", explica Maria Cristina.

De aluno a professor

A coordenadora conta que o curso surgiu de uma demanda dos

+ REPORTAGENS

>> Diversidade
- Pesquisa espera fazer um deficiência no Brasil

Fundação Banco do Brasil e F Getúlio Vargas traçam, juntas diagnóstico sobre o universo pessoas portadoras de deficié Brasil.

>> História
- Homenagem a um grande

O Coronel Affonso Heliodoro presidente do Instituto Histór Geográfico do Distrito Federa a vida e obra de Juscelino Ku

>> Infância e adolescência
- Sociedade e governo unid combate ao trabalho infanti

Projetos estimulam as empre utilizar o trabalho infantil e a r ações educacionais.

>> Responsabilidade social
- Instituto Akatu leva o cons consciente para a rua

Primeiro foi a Internet, agora de que todo consumidor é res por aquilo que consome ganh escolas e empresas do País.
- Manual facilita a interpret ECA pela mídia

Manual desmistifica o Estatut Criança e do Adolescente e s instrumento para facilitar a int desses direitos pelos jornalist

>> Tecnologia social
- Produto lácteo ajuda a pre anemia por deficiência de f

Pesquisa de duas professora resultando em uma tecnologi pode mudar a realidade das c Viçosa, em Minas Gerais.
- Banco de Tecnologias Soc destaque em mostra tecnol

A ciência pode melhorar, e m

Acervo ISA

próprios índios. "Até o final dos anos 80 a Funai (Fundação Nacional do Índio) mantinha professoras não-índias lecionando em três postos no Xingu. Alguns ex-alunos passaram a dar aulas para os jovens de suas aldeias e pediam ajuda, queriam ter mais preparo", conta Maria Cristina, que lecionou em um posto da Funai de 1984 a 1989. Hoje o Parque possui 32 aldeias, com uma população de cerca de quatro mil índios. "Atualmente trabalhamos com professores de 34 escolas, que atendem 1280 alunos", conta orgulhosa.

Muitos, ao iniciar o curso, já tinham estudado nos postos do Funai, mas outros entraram sem saber ler nem escrever. "Por isso cada um se formou ao seu tempo. Já estão formados 32 professores, de um grupo de 61 participantes", explica Maria Cristina.

Mais do que ensinar a ler e escrever em português, o curso de Formação de Professores do Parque do Xingu procura formar cidadãos que podem lutar em pé de igualdade com os não-índios. "Eles aprendem sobre economia, mercado, educação ambiental, e são estimulados a ensinar seus alunos utilizando a língua nativa", conta. E foi com este estímulo que os índios do Xingu acabaram, com a ajuda de lingüistas, definindo uma escrita para as suas línguas e produzindo livros didáticos para utilizar em sala de aula. O Ministério da Educação e o Programa Norueguês para Povos Indígenas publicaram cerca de 15 livros, cartilhas e materiais didáticos nas línguas indígenas, que já estão em uso nas escolas. "Está brotando uma literatura própria dos índios", comemora.

Da língua para a escrita

O mesmo aconteceu com os índios que participam do projeto Uma Experiência de Autoria dos Índios no Acre, da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC). "Já temos mais de 80 livros de autoria de professores indígenas, em português e em línguas nativas", conta a coordenadora do setor de Educação da CPI, Maria Luiza Ochoa.

O curso de educação indígena, que começou em 1983 com aulas de matemática e língua portuguesa, hoje forma índios críticos, líderes e profissionais. "Além de professores, nossos alunos índios também se tornaram coordenadores de associações indígenas e agentes de saúde", conta Maria Luiza. O projeto abrange 60 escolas situadas em 56 aldeias, em 22 Terras Indígenas, envolvendo 85 professores e indiretamente 1.800 alunos de classes multisseriadas, da alfabetização à 4ª série.

"Através do curso eles passam a entender as leis dos brancos e a cobrar o que lhes é de direito. Eles, melhor do que ninguém, sabem a situação em que vivem e o que merecem e podem ter", conclui Maria Luiza.

O fruto do investimento

Como se pode ver, são muitos os frutos colhidos pela educação indígena no Brasil. Em Ticuna, povo indígena que habita a região do Alto Solimões, no Estado do Amazonas, por exemplo, foram visíveis a diminuição da evasão escolar e o crescimento do número de alunos índios. "Entre 1998 e 2001, mais dois mil e oitocentos alunos começaram ou voltaram a estudar", conta a coordenadora pedagógica do Projeto Educação Ticuna, Maria Jussara Gruber.

O Projeto Educação Ticuna é desenvolvido pela Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües (OGPTB), organização

qualidade de vida da populaç
brasileira.

**- Comunidade se une para r
qualidade da alimentação**

Moradores de em Boa Esper
Gerais, criam uma horta comu
dela colhem gratuitamente ho
boa qualidade.

**- Tecnologias Sociais geran
melhoram merenda escolar**

Projetos realizados em Cuiab
Grosso, e Fonte Boa, Amazôn
chamam atenção por sua mul
de benefícios.

**- Televisão: de inimiga a ali
professores**

Tecnologia social capacita pr
da rede pública da Baixada F
para que façam um uso mais
mídia na sala de aula.

**- Cisternas de Placas Pré-m
mudam a vida de moradore
árido**

Tecnologia social oferece um
eficiente e de baixo custo de
da água da chuva.

>> Transformação social

**- A educação como ferrame
transformação social**

Congresso, em Santos, prom
de experiências que mostram
educação pode mudar a vida
pessoas.

Acervo ISA

indígena sem fins lucrativos, que foi fundada em 1986. A OGPTB tem como objetivos principais desenvolver projetos e programas de apoio aos professores e escolas ticunas, colaborando, através de ações educativas, para a melhoria das condições de vida do povo e para o cumprimento da política nacional de educação escolar indígena coordenada pelo Ministério da Educação.

"Além dos conteúdos comuns nos currículos escolares, os professores ticunas também têm aulas de educação e meio ambiente, arte e cultura, produção de material didático, direitos indígenas e cidadania, e supervisão escolar", conta Maria Jussara. "Entre seus principais objetivos está o de assegurar aos professores índios uma formação que valorize a língua, a arte e a cultura, a história, as formas de pensamento e os valores do povo Ticuna, garantindo paralelamente o acesso aos conhecimentos universais", explica a coordenadora. "Estamos começando a ver uma transformação através da educação e das políticas públicas que estão começando a aceitar o índio e suas diferenças", conclui Maria Jussara.

Indicar Imprimir

Fundação Banco do Brasil
SCN Quadra 01 – Bloco A Ed. Number One – 9O e 10o andar. Brasília - DF. 70711-900.
Telefone: (61) 310 1951 Fax: (61) 310 1966 E-mail: cidadania-e@fbb.org.br